



## **Traços da cultura heroico-mítica no jornalismo contemporâneo: um estudo de caso acerca do conflito entre Rússia e Geórgia em 2008 reportado por FSP e CBN<sup>1</sup>**

Fernanda de Araújo PATROCINIO<sup>2</sup>  
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Este artigo é fruto do trabalho de iniciação científica realizado em 2009 na Faculdade Cásper Líbero. Tendo como temática os conflitos entre Rússia e Geórgia pela Ossétia do Sul, em agosto de 2008, o artigo procura promover a discussão sobre o tema a partir de fragmentos do trabalho que elucidam o *corpus* das reportagens apresentadas no jornal *Folha de S.Paulo* (FSP) e na rádio *Central Brasileira de Notícias* (CBN). Utilizando-se, assim, por base, as teorias da comunicação, o contexto e as complexidades da guerra, o artigo procura destacar questões acerca da compreensão das narrativas. Harry Pross (1991) e Norval Baitello Jr. (2005) são citados para o auxílio na compreensão de tempo e espaço, e na formação da narrativa em si. Joseph Campbell (2007), por sua vez, é utilizado na explicação do caráter heroico-mítico presente nas narrativas e na cultura contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leste Europeu; cultura heroico-mítica; narrativas jornalísticas; *newsmaking*; cultura do ouvir.

### **Introdução**

Durante o mês de agosto de 2008, o mundo estava voltado para um acontecimento extraordinário: os jogos olímpicos de Pequim, na China. Devido ao evento de comoção mundial, foi possível observar o sentimento nacionalista expressado por atletas, delegações e torcidas, assim como o clima de *fair play* – tanto pregado pela organização dos jogos – e o respeito ao diferente. Neste mesmo período, Rússia e Geórgia retomaram o conflito pela região da Ossétia do Sul. Esta região reivindica autonomia e preza o reconhecimento de sua independência pelo Estado georgiano. Os media do mundo todo noticiaram ambos os assuntos, porém, aparentemente, os jogos olímpicos tiveram maior destaque – talvez, devido à maior abrangência que possuem. Dessa forma, o embate na região do Cáucaso conseguiu, somente, uma cobertura secundária.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 1 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 03 a 05 de julho de 2013.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero em 2012. Membro do grupo de pesquisa do mestrado “Comunicação e Cultura do Ouvir” na mesma instituição desde 2009. E-mail: faraujopatrocinio@gmail.com.



Partindo deste ponto, este artigo pretende dialogar sobre a hipótese de que, de fato, os confrontos foram obscurecidos nos agendamentos dos grandes meios. A base para tal estudo desenvolvido na pesquisa de iniciação científica foram as reportagens elaboradas pela rádio *Central Brasileira de Notícias* (CBN) e pelo jornal *Folha de S.Paulo* (FSP). Tal *corpus* será retratado aqui como narrativa jornalística. Assim, será utilizado o conceito de sincronização das mídias permeadas pela presença da cultura heroico-mítica no tempo presente. Valendo-se das políticas de cada veículo e o contexto histórico no qual o evento estava inserido, é relevante ressaltar a construção e a durabilidade da notícia nos meios de comunicação, de modo a vulnerabilizar as potenciais notícias, levando, assim, o embate entre russos e georgianos ao possível desvio de *agenda setting*<sup>3</sup>.

Como na pesquisa o método utilizado foi a análise do *corpus* de CBN e FSP, este artigo faz uso da mesma iniciativa, assim como o embasamento por teorias sobre jornalismo e culturas míticas e entendimento dos fatos históricos. Partindo de tal pressuposto, questiona-se até que ponto a narrativa jornalística baseada na cultura heroico-mítica está inserida no tempo presente, de forma a influenciar a construção e o agendamento das notícias. Outro ponto a se refletir diz respeito a como notícias e pautas são elaboradas, bem como a escolha de vocabulários, fotos e infográficos, além dos espaços cedidos pelo jornal e pela rádio.

Hipoteticamente, é inevitável a consideração do distanciamento geográfico e cultural entre a região do conflito o Brasil para a questão da *agenda setting*. Além disso, destaca-se a presença de figuras políticas mundialmente conhecidas, em meio aos desdobramentos dos embates, como George W. Bush (então presidente norte-americano) e Vladimir Putin (primeiro ministro russo na época e atual presidente do país). Estes dois agentes sociais podem ser interpretados como representações de heróis míticos e trágicos dentro da guerra. A importância da presença de tais figuras, talvez possa ser explicada pela ausência de uma figura nova e concreta no conflito, que pudesse simbolizá-lo. Assim, políticos de grande expressão culminaram por terem mais ações na guerra e visibilidade nas negociações diplomáticas e bélicas no confronto.

O distanciamento espacial e o pouco conhecimento popular que se tem sobre a Geórgia e a Ossétia do Sul, de modo geral e aparente, puderam culminar na brevidade dos

---

<sup>3</sup> Teoria criada por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 1970, que versa acerca dos fatores e elementos que determinam a pauta e sua inserção na esfera pública.



embates nas esferas públicas. Apesar da importância do oleoduto da região cáucasa, que tem por função abastecer Estados Unidos e Europa, a escolha dos concorrentes à vice-presidência norte-americana, em 2008, e os jogos de Pequim são mais recorrentes nos media.

Assim, trata-se neste artigo também dos conceitos de comunicação ritualizada desenvolvidos por Norval Baitello Jr. (2009). As reportagens formam narrativas de curto prazo, mas que, em conjunto, resultam em fatos históricos e cíclicos. A codificação e a decodificação da linguagem, tratadas por Stuart Hall (2006), foram aplicadas no *corpus* analisados. São considerados também os valores-notícia<sup>4</sup> de Johan Galtung (2006) e os conceitos de *newsmaking*<sup>5</sup> vistos por Nelson Traquina (2005) e Mauro Wolf (1995). Para os conceitos de mito e a presença deste nas narrativas contemporâneas do objeto aqui estudado são utilizadas as ideias e teorias de Joseph Campbell (2007) e Mônica Martinez (2008).

O tema escolhido se deve à pertinência do contexto geopolítico que o conflito se inserira, considerando-se os países participantes, suas condutas e seus históricos, mas, principalmente, como que tal pauta foi alocada nos media citados. O fato de o confronto ter ocorrido enquanto aconteciam as Olimpíadas de Pequim implica na sua efemeridade dentro da esfera pública em escala mundial, no que diz respeito ao agendamento, ao valor-notícia e ao desvio ocasionado dentro da *CBN* e da *FSP*. A notícia deve ser entendida como um produto midiático final, que atinge um público leitor específico, considerando os critérios de abordagem e de edição de cada veículo.

Sendo assim, o diálogo aqui se propõe a refletir a sincronização proporcionada pela narrativa jornalística, de modo a conduzir o leitor/ouvinte a discutir determinada pauta ou não. O condicionamento e o poder dos media sobre a sociedade bem como a presença do conceito de monomito<sup>6</sup> (CAMPBELL, 2007, p.5) auxiliam na compreensão da temática.

---

<sup>4</sup> Caráter subjetivo que determina a relevância de um fato a ponto de que ele possa ser noticiado, embasando-se em critérios de noticiabilidade. A ideia foi desenvolvida por Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge, em 1965.

<sup>5</sup> Diz respeito à responsabilidade pela configuração das notícias agendadas na pauta, embasadas nos critérios de noticiabilidade. As notícias são formuladas e selecionadas por um *gatekeeper*, que exercer a função de editor.

<sup>6</sup> Conceito de jornada cíclica presente nos mitos, segundo Joseph Campbell. A primeira vez que o termo apareceu em uma obra do autor foi em 1949, em “O herói de mil faces”.



Este artigo não pretende responder de modo fechado aos questionamentos levantados, mas promover outras indagações acerca de um objeto tão complexo, tornado este um diálogo aberto.

### **Contexto histórico**

O confronto entre Rússia e Geórgia pela região da Ossétia do Sul ocorre desde 1922, quando Josef Stalin<sup>7</sup> transformou a região ossetiana em Região Autônoma da República Socialista Soviética da Geórgia. Tal fato concedeu aos separatistas uma área de relevante estratégia geopolítica, devido à abundância de petróleo naquele território.

A Ossétia do Sul escreveu sua própria Constituição, em 1993, e, em 1996, elegeu seu primeiro presidente. Em dezembro de 2000, russos e georgianos assinaram acordo governamental para reestabelecer a economia da zona de conflito. A Ossétia do Sul é um país agrícola e a economia georgiana tira parte de seus recursos cedendo caminho para a passagem do gasoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan<sup>8</sup>, que pertence à British Petroleum.

Eduard Kokoity, o então presidente da Ossétia do Sul, pediu, em 2001, à Moscou o reconhecimento da independência da região. Com a tensão ainda pairando na região, em 2005, a Rússia cedeu a aprovação ao plano georgiano de dar ampla autonomia aos sul-ossetianos, em troca do fim do pedido de independência. Em contraste a esta concessão, em 2006, a Ossétia do Sul fez um referendo pela separação de Tbilisi, a capital da Geórgia. O governo georgiano alegou que esta atitude fazia parte da campanha russa para dar início a uma guerra. Entre 2006 e 2007, russos e georgianos se revezaram no comando da província separatista.

Em março de 2008, os sul-ossetianos pediram ao mundo que reconhecesse sua independência, seguindo apoio ocidental dado à separação de Kosovo da Sérvia. No mesmo período, a Geórgia tentou se aproximar do Ocidente pedindo para entrar na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), porém fracassou. Em virtude disso, o Parlamento russo pediu ao Kremlin<sup>9</sup> que reconhecesse a independência da Ossétia do Sul e da Abkhazia – outra região separatista. A Geórgia ainda insiste em entrar em acordo com os sul-ossetianos, mas, irredutíveis, eles somente visam o reconhecimento de sua independência integral.

---

<sup>7</sup> Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética e do Comitê Central entre 1922 e 1953.

<sup>8</sup> Gasoduto que transporta gás natural do Azerbaijão (extraído do Mar Cáspio) até a Turquia, de modo a abastecer a Europa. O mapa ilustrativo encontra-se no item “Anexo” deste artigo.

<sup>9</sup> Fortaleza que serve ao governo russo como sede do governo em Moscou.



O período analisado no jornal e na rádio compreende 8 e 11 de agosto de 2008. No oitavo dia daquele mês, as Forças da Geórgia invadiram o território sul-ossetiano. Devolvendo o ato, os russos invadiram o espaço georgiano. Segundo o governo da Geórgia, cerca de 1400 pessoas morreram neste dia. No dia 9, a Geórgia anunciou estado de guerra e pediu cessar-fogo. Aviões russos bombardearam a região. O Conselho de Segurança da ONU fracassou ao tentar solucionar o conflito. No dia 10, os bombardeios russos se intensificaram e foi iniciado o bloqueio naval no Mar Negro. Acuadas, as tropas georgianas se retiraram da Ossétia do Sul. Os Estados Unidos acusaram Moscou de querer derrubar Mikheil Saakashvili, presidente da Geórgia, com esta crise política. Finalmente no dia 11, a Comunidade Internacional pediu que a Rússia aceitasse o cessar-fogo, embora os aviões-caça russos continuassem sendo acusados de bombardearem o território vizinho. Segundo a Cruz Vermelha, até o dia 11, cerca de 40 mil pessoas estavam refugiadas.

O posicionamento das figuras de Vladimir Putin, Dmitri Medvedev (presidente russo na época) e George W. Bush foram de extrema importância no desenvolvimento dos fatos e ao desfecho das notícias. É importante ressaltar também que parte da Delegação da Geórgia que atuava nas Olimpíadas foi obrigada a retornar ao país, devido à convocação para incorporar o exército georgiano.

O desenrolar do conflito se deu devido à participação diplomática de líderes como Nicolas Sarkozy (presidente francês) e Condolezza Rice (secretária do Estado americano). Os ataques georgianos aconteceram devido ao interesse político-geoeconômico dos Estados Unidos na região que cede passagem ao gasoduto. Instalar um foco de poder americano ali poderia interferir na constante influência política da Rússia no Leste Europeu.

### **A narrativa jornalística**

Como elemento-chave para entender o jornalismo, principalmente em meio aos fatos históricos, é necessário compreender um dos principais termos do processo: a notícia. Ciro Marcondes Filho (2009), a define como “A informação ou o conhecimento sobre uma pessoa ou coisa” (MARCONDES FILHO, 2009, p.274). Para o jornalista, o conceito transcende tal afirmação. Assim, Marcondes Filho a define:

Produzir uma notícia é transformar um fato pessoal ou social em algo de interesse genérico. Geralmente seu tema é algo específico, que interessa a uma ou mais pessoa, a algum grupo, empresa ou organização política, mas ele se mascara como assunto de interesse público para ganhar ares de objetividade. Por ser um componente



imaterial com capacidade e certa dose de efeitos que podem compactar a opinião pública, ela jamais é neutra, imparcial ou objetiva; ao contrário, ela entra na disputa política, econômica ou ideológica maior, sendo um de seus componentes mais importantes.

Do ponto de vista econômico, notícia é a informação transformada em mercadoria rapidamente perecível, decaindo seu valor aceleradamente e em pouco tempo, sendo submetida às normas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo comum às demais mercadorias. (MARCONDES FILHO, 2009, p.274)

O papel do jornalista é o de fazer a mediação entre leitor e pauta agendada, usando os diferentes meios para tal. Assim, o jornalista acaba por influenciar a assimilação do leitor, por intermédio da escolha de vocabulário, imagens informativas e mesmo o próprio meio de reprodução. A maneira como a realidade pode ser retratada nos media evidencia a complexidade que envolve as políticas internas de cada veículo e a coerção em instituições externas, como o próprio fazer jornalístico.

O jornalismo pode ser entendido como uma instituição social que abrange um campo simbólico, seguindo os conceitos de Pierre Bourdieu (2009). A interação entre os agentes deste campo obedece à hierarquia da informação e ao *habitus* dos agentes envolvidos. A postura de transmissão e recepção dos agentes já está naturalizada nos respectivos comportamentos, graças a legitimidade que permeia o campo.

Os textos jornalísticos representam recortes da chamada realidade – recortes estes feitos pelo jornalista, na edição. Estes recortes são elos que incitam o passado previamente estabelecido por intermédio de signos para justificar o presente e projetar o futuro. A leitura dos signos é viabilizada pela comunicação ritualizada estudada por Harry Pross (1991). A comunicação obedece a um ciclo que corresponde à transmissão e recepção de informações, da mesma forma que é uma prática marcada principalmente pela política. É nesta política que atuamos como agentes de um campo simbólico, de forma que já temos previamente determinado o espaço que ocupamos no mesmo, devido à coercitiva verticalização social a que estamos submetidos. O contexto sígnico que nos envolve auxilia na captação da realidade e na compreensão desta, de forma a produzir contextos e narrativas.

O embate pela região da Ossétia do Sul, de tempos em tempos, é manchete nos diferentes media. Tal fato se deve à importância geopolítica da região e à presença de potências mundiais para a intervenção bélico-militar, além do diálogo para a resolução da questão. Essas nações representaram verdadeiros heróis míticos no conflito, pois procuraram dialogar acerca dos problemas, de modo a visar proteção aos,



aparentemente, oprimido e afastar as ameaças que rodeavam a situação – partindo de uma questão interpretativa e subjetiva para as nomenclaturas.

A dualidade do problema foi materializada pelos media ocidentais como sendo os americanos do bem, auxiliando a Geórgia a amenizar a opressão russa, que, por sua vez, interpretava o mal. Segundo Dimas Kunsch (2004), esta dualidade pode espetacularizar a notícia e perde-se o teor humano dos fatos (KUNSCH, 2004, p.214). A personificação de bem e mal atende aos interesses políticos e econômicos de diferentes instituições, como a própria empresa jornalística.

Segundo Harry Pross (1991), para que os heróis possam existir, são necessários os processos de ritualização e repetição dos mesmos nos media. Tais mecanismos permitem que estes símbolos sejam projetados, a ponto de firmarem representatividade dos fatos ocorridos, sendo assim assimilados pelo leitor. A este fato cognitivo de construção das narrativas é importante a relevância da temporalidade. Os heróis que permeiam o presente buscam no tempo passado os elementos e os signos que o firmam e legitimam. Essa ação faz com que, no futuro, estes símbolos sejam retomados e reforçados com novos elementos que a narrativa tenha continuidade. A relação entre o herói e o tempo remete ao messianismo, em que as pessoas esperam a volta do herói do passado para resolver os problemas presentes e, conseqüentemente, futuros.

O conflito no Cáucaso, apesar de envolver países relevantes geopoliticamente e suscitar uma guerra, ocorreu no mesmo período que as Olimpíadas de Pequim. Em virtude de tal fato, percebe-se que o confronto foi pautado e circulou nas grandes mídias, porém não obteve o mesmo destaque que os jogos olímpicos. Outro fator que deve ser considerado foi a escolha dos vice-presidentes que concorreriam às eleições dos Estados Unidos. Assim, é perceptível o valor arbitrário dos símbolos no contexto do confronto. Caso tivesse acontecido em outra época, talvez, o embate pudesse ter sua repercussão de forma mais expressiva, utilizando-se elementos mais impactantes para compor a narrativa. Vale ressaltar que para a construção da realidade ao redor do embate, a justaposição dos signos se sobressaiu hierarquicamente ao posicionamento dos valores, notando-se, assim, a presença de elementos lúdicos nas narrativas jornalísticas (MARTINEZ, 2008, p.39).

O conflito pode, talvez, ser entendido como uma consequência ainda do período da Guerra Fria, com Estados Unidos e Rússia (URSS<sup>10</sup>) como protagonistas, mais uma vez.

---

<sup>10</sup> União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que perdurou de 1922 a 1991, na Eurásia.



Mesmo que apresentem falhas em combate e matem civis inocentes, estes países, uma vez interpretados como heróis míticos e trágicos, são legitimamente reconhecidos por seus protegidos e perdoados, politicamente. A presença destes personagens é, muitas vezes, esperada pela sociedade, devido ao alto grau de condensamento que estes têm nas narrativas jornalísticas. Para Campbell (2007), este tipo de construção narrativa usa como artifício a comoção do público perante a história (CAMPBELL, 2007, p.40), aproximando-o do fato, mesmo que por curto tempo. Contudo, vale ressaltar que para fixar pautas agendadas, os media costumam repeti-las intensamente, gerando interesse e falsa proximidade entre leitor e fato. A tentativa de materialização de possíveis heróis serve justamente para que o público não perca o interesse por estas pautas, que costumam suscitar o mórbido.

A sincronização dos media nos embates, seguindo o pensamento de Baitello Jr. (2005), pode ser entendida pelo papel salvador que tanto George W. Bush quanto Vladimir Putin exercem. Tal característica sincronizadora é o que define qual a pauta discutir e em que momento fazê-lo na esfera pública. O agendamento no caso aqui estudado, então, dá-se pela recuperação da cultura heróico-mítica no presente remetendo ao processo de memorizar fatos de curtíssimo prazo.

Segundo Leão Serva (2001), a efemeridade no trabalho jornalístico pode remeter à ausência de explicação dos fatos históricos. O leitor acolhe os fatos noticiados, porém não consegue compreender o conflito em si. A capacidade de compreensão do mundo é virtualmente impossível, considerando a carga de informações recebidas pelos leitores/ouvintes, o que dificulta a assimilação e compreensão das notícias.

Outro ponto trabalhado pelo autor é a desinformação funcional, na qual ele explica: “Na ausência de conhecimento de uma informação, o elo receptor pode fazer com que uma história complexa se torne um caso de maniqueísmo” (SERVA, 2001, p.123). Assim, considera-se nas narrativas obstáculos como distanciamento geográfico-cultural, restrição de fontes para saber sobre as divergências que assolam fatos históricos e a interferência das agências de notícias – pois eram estes os veículos que cobriram o conflito *in loco*. Outro fator relevante é interferência norte-americana nos meios de comunicação ocidentais, não se excluindo *CBN* e *FSP* deste teor maniqueísta formado na cobertura.

### **Rádio: ondas míticas**

O rádio está intrínseco em nossa cultura, de modo que, ouvi-lo é um ato social. Por intermédio do rádio, o jornalista desempenha o papel de herói devido à pluralidade de



sentidos que este meio atinge, reportando suas mensagens com refração e reflexão. Ao ouvir uma narrativa, dependendo do poder de persuasão do jornalista e dos elementos que a compõem, é possível montar imagens e sentir-se transportado a outra realidade. Este teor narcotizante pode sensibilizar o ouvinte, pois trabalha juntamente com a cognição de cada indivíduo assimilador.

O rádio pode ser entendido como um ritual comunicativo calendarizado, segundo Mônica Nunes (1993), já que a narração deste meio tem hora e locais marcados. No *corpus* de CBN analisados, a maioria das reportagens foi retirada do “Jornal da CBN 2ª edição”, que vai ao ar diariamente às 17horas. O ouvinte, portanto, sabe que em determinado horário nos diferentes dias da semana irá ouvir notícias de editorias variadas, incluindo novos fatos sobre os conflitos no Cáucaso. Assim, o espaço e o tempo vividos acabam por nos orientar, simbolicamente.

Nunes afirma ainda que a narrativa de rádio está repleta de elementos míticos (NUNES, 1993, p.57). Considerando que o mito é a narração de uma criação, a repetição deste em práticas ritualísticas, reatualiza os atos. Em constante regeneração do homem no tempo mítico, sobretudo no rádio que constantemente repete as notícias, recoloca assuntos nas esferas públicas. A inserção dos conflitos do Leste Europeu nas agendas faz com que a guerra esteja presente na vida de milhares de pessoas – mesmo que essas pouco tenham em comum com russos e georgianos.

Segundo Victor Echeto (2009), a constante desestabilização dos acontecimentos oriunda diferentes fragmentos de narrativas que juntas compõem teias históricas. O autor compara ainda a comunicação aos arquipélagos<sup>11</sup>: assim como as pequenas ilhas que se unem no mesmo lugar em que se separam, a comunicação encontra na peculiaridade de cada fato elementos novos.

As notícias são formadas no instante de fragilidade de cada fato, pois é nele em que tudo pode ocorrer, ressaltando a importância da imprevisibilidade para inserir os assuntos nas esferas públicas. A comunicação pode ser considerada complexa, pois além de indisciplinar, ela é aberta e híbrida<sup>12</sup>. A abertura do processo comunicacional se dá em virtude da inexistência de fronteiras epistêmicas. Isto é, o movimento indisciplinarizado característico da construção de notícias não pode ser enquadrado em modelos estáticos.

---

<sup>11</sup> Aula ministrada aos membros do grupo de pesquisa do mestrado “Comunicação e Cultura do Ouvir”, na Faculdade Cásper Líbero, em 25 de agosto de 2009.

<sup>12</sup> Idem.



### **O corpus e o código**

Hall (2006) afirma que “O acontecimento deve se tornar uma ‘narrativa’ antes que possa se tornar um evento comunicativo” (HALL, 2006, p.389). Para que o processo comunicacional ocorra é preciso que alguém dê sentido à narrativa, para que, dessa forma, os elementos que a envolvem sofram a transformação. É possível exemplificar esta afirmativa usando os embates do Cáucaso. Como tanto para os media como para a humanidade não há tempo nem interesse para se falar sobre tudo, alguns acontecimentos são selecionados. A partir daí, atribui-se uma narrativa a estes, transformando em legítimos os personagens e elementos que os envolvem.

Na guerra entre russos e georgianos houve uma seleção, na qual critérios e valores-notícias foram utilizados para que se pudessem noticiar aqueles acontecimentos. O reconhecimento e a legitimidade da guerra, dos personagens e das causas envolvidas sensibilizam ou ao menos chamam a atenção para as mais distintas pessoas. Prova disso, é que o problema que ocorria no Leste Europeu teve cobertura mundial. Essa projeção que os homens fazem nas histórias e nos acontecimentos noticiados revela o caráter mítico intrínseco nas narrativas – como já aconteciam nas histórias míticas, conforme estudado por Campbell (2007).

As narrativas individuais compõem a cultura, que age como ambiente coletivizador. Os indivíduos se reconhecem nas diferentes sagas míticas, apesar das variações de elementos, pois a essência destes contos é sempre a mesma. Como as narrativas existem dentro de cada cultura, é possível relacionar a afirmativa de Hall com o conceito de tribalização de Marshall McLuhan (2007). O evento comunicativo só ocorre de forma pluralizada, ou seja, é preciso a interação de vários indivíduos para que possa ser concretizado. A apuração dos fatos no embate só foi possível pela oralidade e pelo trabalho coletivo desenvolvido por jornalistas e órgãos públicos de segurança.

Cada notícias construída em agosto de 2008 sobre os conflitos foi feita com trocas de informação, com a passagem das mensagens entre indivíduos, entre órgãos e entre indivíduos e órgãos. Como nos primórdios da comunicação, em que a oralidade retransmitia as tradições do homem para as gerações posteriores, as agências de notícias produziam e liberavam boletins para o mundo inteiro, repassando aos veículos do mundo todo a história que estava sendo construída naquele momento no Cáucaso.

É possível observar uma política de significação (HALL, 2006, p.300), que reflete, sobretudo, na assimilação do receptor em virtude das linguagens e dos códigos utilizados. A incapacidade de leitura e assimilação destes ruína o evento comunicativo.



As falhas na comunicação são provenientes da ausência de sincronia ou decodificação dos elementos linguísticos. Além de coletivizador, e com certo intuito democrático, o jornalismo reafirma os códigos usados pela sociedade e nos conduz a uma maneira de decifrá-los.

### **Conclusão**

Pode-se observar nas coberturas de *CBN* e *FSP* o ato de comunicar como parte de um processo de globalização, que pretende diminuir lacunas entre espaço e tempo e, sobretudo, culturas diversas. Apesar de cada veículo utilizar seus próprios artifícios para reportar os fatos, alguns destes recursos são semelhantes, como o recorte pautado na influência de agências e da imprensa ocidental e o uso de elementos míticos.

Assim, pode-se entender que a construção das narrativas se dá ao fato de que os homens contam suas Histórias juntos, em uma ação coletiva. Ou seja, eles compartilham vivências e experiências e, quando há elementos extraordinários, formulam fragmentos históricos. As narrativas jornalísticas são o conjunto de tais fragmentos, que tem por intenção remontar e refletir a realidade partindo do viés mediático.

Os elementos míticos e o curtíssimo prazo presente no *corpus* fazem com que novos agentes sempre possam ser inseridos nos contextos, de modo que a História continue. A ocorrência de outros assuntos durante os confrontos no Cáucaso não obscureceram o embate. É possível notar o antagonismo da alegria trazida pelos jogos olímpicos e a triste e morbidez da guerra, gerando um contraste perturbador nos media. O conceito de mito e/ou herói, dessa forma, pode ser observado tanto nos atletas quanto nos embates, afinal a base para ambos é o jogo.

Talvez, entre os valores-notícia dialogados e o conceito de *newsmaking*, que um dos principais motivos para a inserção do conflito nos media foi o poder. As ideias aqui dialogadas não se fecham neste artigo, muito menos na pesquisa realizada em 2009. A pauta é aberta para novas contribuições e dialogias, afinal nossos tempos são construídos e relatados por homens, em seu sentido coletivo.

### **REFERÊNCIAS**

BAITELLO JR., N. **Os vínculos e a comunicação. Vínculos e complexidade:** comunicação, mídia e cultura. In: A era da iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo: Ed. Annablume, 2005.

BAITELLO JR., N. **O animal que parou os relógios.** São Paulo: Ed. Annablume, 2009.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009.



- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Ed. Pensamento, 2007.
- ECHETO, V. S. Conferência ministrada aos membros do grupo de pesquisa do mestrado “Comunicação e cultura do ouvir”, na Faculdade Cásper Líbero, em 25 de agosto de 2009.
- GALTUNG, J. **A review about the book “Media and the path to Peace” by Gadi Wolfsfeld**. Political Communication: v.23, cap. 3, p. 364-366, Jul/Set 2006.
- HALL, S. *Codificação/Decodificação*. In: **Da diáspora – identidade e mediações culturais**. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- KUNSCH, D. **O eixo da incompreensão**: a guerra contra o Iraque nas revistas semanais brasileiras de informação. 2004, 214p. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.
- MARCONDES FILHO, C. **Dicionário da comunicação**. São Paulo. Ed. Paulus, 2009.
- MARTINEZ, A. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Ed. Annablume, FAPESP, 2008.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem (*understanding media*)**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2007.
- NUNES, M. R. F. **O mito no rádio – a voz e os signos de renovação periódica**. São Paulo: Ed. Annablume, 1993.
- OBRAG. **Geórgia battle map**. Disponível em: <http://obrag.org/wp-content/uploads/2008/08/georgia-battle-map.gif>. Acesso em: 2 de maio de 2013.
- PATROCÍNIO, F. A. **Traços da cultura heroico-mítica no jornalismo contemporâneo – as reportagens da FSP e da CBN a respeito dos conflitos entre Rússia e Geórgia em 2008**. São Paulo: Centro Interdisciplinar da Faculdade Cásper Líbero, 2009.
- PROSS, H. **Violencia simbólica y violencia física**. Disponível em: <http://revista.cisc.org.br>. Acesso: 23/04/2009.
- SERVA, L. **Jornalismo e desinformação**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2001.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Ed. Insular, 2005.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.



## Anexos



Ilustração<sup>13</sup> da zona de conflito abordada na pesquisa.

<sup>13</sup> OBRAZ. **Geórgia battle map**. Disponível em: <http://obrag.org/wp-content/uploads/2008/08/georgia-battle-map.gif>. Acesso em: 2 de maio de 2013.